

A Rua e o Medo: Algumas Considerações sobre a Violência Sofrida por Jovens Homossexuais em Espaços Públicos

The street and fear: reflections on the violence experienced by young gay men in public spaces

Thiago Barcelos Soliva

Universidade Federal do Rio de Janeiro

thiago104@yahoo.com.br

Resumo

Este estudo trata da violência perpetrada contra jovens homossexuais em espaços públicos. Além de remarcar a existência de traços extremamente violentos dos espaços públicos, os dados da pesquisa mostram que os entrevistados sofrem uma forte limitação dos seus direitos civis, uma vez que as experiências de constrangimento vividas nas ruas terminam por desencadear em alguns deles um recorrente medo de transitar para além dos domínios domésticos. Isso, portanto, nos coloca de frente com complexas questões em diferentes níveis analíticos e operacionais: o do exercício da cidadania, o da necessidade de aperfeiçoamento das políticas públicas (em particular as de segurança) e o da violação dos direitos humanos das pessoas homossexuais no que tange a igualdade entre os mesmos e os seus opostos heterossexuais.

Palavras-chaves: jovens homossexuais; violência anti-gay; espaços públicos.

Abstract

This study is about the violence against gay youth in public spaces. Besides remarking the existence of highly violent traces of public spaces, the survey data shows that the interviewed people suffer a strong limitation of their civil rights, because the experiences of embarrassment lived on the streets end up triggering a recurrent fear, for some of them, of passing beyond domestic domain. So, we come across with complex issues in different analytical and operational levels: the exercise of citizenship, the need of public policies improvement (particularly the ones related to public security) and the violation of homosexuals human rights related to equality between them and their heterosexual opposites.

Keywords: young gay; anti-gay violence, public spaces.



A Rua e o Medo: Algumas Considerações sobre a Violência Sofrida por Jovens Homossexuais em Espaços Públicos

Introdução

Este trabalho preocupa-se em analisar a violência sofrida contra jovens homossexuais em espaços públicos. Entendemos por espaços públicos os locais nos quais se permitem um trânsito contínuo de diferentes pessoas – homossexuais ou heterossexuais –, sendo a 'rua' (dimensão espacial consagrada na literatura antropológica) a expressão mais acabada para a compreensão dessa lógica. Não apenas os logradouros públicos, mas também os locais de comércio, como bares, boates etc compartilham aqui do sentido atribuído a 'rua', um lugar marcado pela interação entre diferentes indivíduos que estão em circulação.

A reflexão acerca dos espaços sociais não é recente na produção sócio-antropológica sobre a sociedade brasileira. Em 1933, com a publicação de *Casa Grande e Senzala*, Gilberto Freyre já apontava para uma preocupação singular com o simbolismo implícito às relações travadas entre a 'Casa Grande' e a 'Senzala' (FREYRE, 1950 [1933]). Essas reflexões ficaram ainda mais maduras em *Sobrados e mucambos* (1936), onde essas categorias antitéticas inauguram uma nova forma de explicar a dinâmica das relações sociais brasileiras. Ambas as obras nos mostram a organização da sociedade em termos de delimitação de espaços estanques. O público e o privado são temas que atravessam toda essa discussão. O privado como apanágio das relações mais íntimas, que não se atrevem a transgredir os limites da casa. Simultaneamente, temos sua antítese, o público, espaço das contradições por excelência, lugar-comum da permissividade, bem como do imprevisto e do medo.

Essas representações são aprofundadas ainda nas análises de Da Matta (1979) acerca dos rituais que conferem contornos à sociedade brasileira. Para esse autor, a 'casa' e a 'rua' assumem uma dimensão antagônica fundamental que oferecem boas possibilidades para o entendimento das idiossincrasias com as quais os brasileiros relacionam-se entre si. Para Da Matta, o lugar da casa é visto como calmo e tranquilo. A 'casa' seria o espaço no qual nos refazemos da chamada 'luta pela vida' em contraste com o lado de fora ou, em outros termos, 'o lado de lá', espaço da surpresa, da insegurança e do desconfiável, a rua (DA MATTA, 1979).

Essas análises concentraram seus esforços numa compreensão da 'rua' como espaço associado à desordem, logo à violência. Partindo desse modelo, passaremos a entender a 'rua' como um espaço privilegiado para a realização da violência que chamo aqui de anti-gay.

A violência anti-gay é um problema cotidianamente

vivido pelo conjunto dos homossexuais brasileiros. Essa violência está associada à negação de determinados direitos civis aos homossexuais, que muitas das vezes são desacreditados ao status de não-humanos. Esses problemas vêm se constituindo em uma arena de tensos debates, sobretudo na esfera pública (ALMEIDA NETO, 2003), em que heterossexuais e homossexuais disputam interesses divergentes. Apesar das conquistas no que concerne aos direitos dos homossexuais nos últimos anos, sobretudo aqueles ligados aos movimentos de enfrentamento a AIDS¹, as pessoas homossexuais ainda se movem em um contexto marcado por fortes tensões, que se expressam em termos de possibilidades e limites de se exercerem seus direitos. A violência anti-gay é um dos reflexos mais imediatos dessas tensões. Sua realização está fortemente vinculada a uma dada cultura machista que viria nos homossexuais potenciais vítimas por encarnarem atributos de pouco, ou mesmo de nenhum valor social, tais como a fraqueza, a efeminação entre outros (MOTT, 2006).

Essa violência expõe esses indivíduos a posições de vulnerabilidade e violação dos seus direitos humanos. Isso fica evidente em situações nas quais a intolerância é a principal marca dos crimes perpetrados contra esse segmento. Essa intolerância se expressa em situações-limites como podemos perceber no caso mais recente ocorrido na cidade de São Gonçalo, Rio de Janeiro, em que um jovem homossexual de 14 anos, Alexandre Ivo, foi agredido até a morte por três rapazes supostamente pertencentes a grupos de ideologia racista. A morte desse rapaz tão jovem é, infelizmente, apenas mais uma entre muitas que ocorrem em todo o Brasil envolvendo jovens homossexuais (MOTT, 2003).

Lembramos que esse episódio é somente um entre poucos que pela sua absurda brutalidade consegue se destacar nas mídias local e nacional. Muito embora a violência anti-gay seja uma constante em nossa sociedade, pouco se sabe sobre sua dinâmica e agentes. Em termos de estudos sobre a violência anti-gay no Brasil, dispomos basicamente de três formas diferentes de pesquisas no tocante à captação dos dados. Temos a coleta de casos de violência elaborada pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), nos quais os registros sobre vitimização de homossexuais são obtidos através de notícias publicadas na mídia escrita de todo o país (MOTT & CERQUEIRA, 2003). Essas informações geraram uma série de dossiês e relatórios que têm por mérito despertar a atenção das autoridades, bem como da sociedade civil para os altos índices de violência, principalmente letal infligida contra homossexuais em todos os estados brasileiros.

Concebido como uma primeira experiência de

Thiago Barcelos Soliva

A Rua e o Medo: Algumas Considerações sobre a Violência Sofrida por Jovens Homossexuais em Espaços Públicos

política pública no campo da segurança, o Disque Defesa Homossexual (DDH) figurou como uma possibilidade de obtenção de dados sobre violência homofóbica no Brasil (RAMOS & CARRARA, 2005). Criado em 1999, esse serviço vinculava a Secretaria de Segurança do Rio de Janeiro (SESEG) a instituições da sociedade civil, bem como pesquisadores de universidades e centros de pesquisa. A grande diferença do DDH em relação às outras experiências de denúncia de violência contra pessoas homossexuais é a capacidade com que esse serviço tinha de articular a sua função de atendimento à pessoa vitimizada com a manutenção de um centro de produção de dados e monitoramento sobre esse tipo de violência. Os dados coletados permitiram a elaboração de trabalhos acadêmicos sobre alguns aspectos da violência anti-gay no estado. Hoje, esse serviço não está mais vinculado ao Governo do Estado do Rio de Janeiro, sua estrutura encontra-se agonizando em meio a minguadas tentativas de reorganização.

Por fim, temos as pesquisas de vitimização realizadas no contexto das Paradas do Orgulho LGBT em algumas capitais brasileiras² – Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre e Recife. As paradas do Orgulho vêm assumindo nos últimos anos o caráter de uma manifestação de massa das mais significativas no âmbito da sociedade moderna. Essas paradas levam milhares de homossexuais, e mesmo heterossexuais, às ruas como uma estratégia de resistência e repúdio às atitudes repressivas da sociedade heterossexista, propondo alternativas para superação da mesma (CARRARA, 2003; 2005; 2006). As pesquisas realizadas durante a parada trazem blocos específicos de questões acerca das agressões, bem como das formas de discriminação sofridas pelo conjunto dos homossexuais. Cabe destacar, no entanto, que essas pesquisas limitam-se a uma determinada parcela da população homossexual, representada por aquelas pessoas que frequentam as paradas, não refletindo fidedignamente, a totalidade das violências as quais estão submetidos esse grupo. Títulos criminais como os homicídios, por exemplo, não aparecem, por razões lógicas, nas estatísticas geradas com essas pesquisas. Visando contribuir com esse acúmulo de conhecimento, procuramos realizar uma investigação que contemplasse a vivência dessa violência relacionada aos espaços onde ela se realiza.

Assim exposto, percebemos que a rua é um espaço onde frequentemente os jovens entrevistados são alvo de distintas formas de violência, geralmente perpetradas por outros jovens supostamente heterossexuais. A violência que ali ocorre é em geral desencadeada em face de: 1) demonstrações públicas de afeto entre pares homossexuais; 2) situações na

quais estão presentes uma ou mais pessoas que destoam das expectativas de gênero associadas ao seu sexo biológico. Além de remarcar a existência de traços extremamente violentos dos espaços públicos, os dados da pesquisa mostram que os entrevistados sofrem uma forte limitação dos seus direitos civis, uma vez que as experiências de constrangimento vividas nas ruas terminam por desencadear em alguns deles um recorrente medo de transitar para além dos domínios domésticos. Isso, portanto, nos coloca de frente com complexas questões em diferentes níveis analíticos e operacionais: o do exercício da cidadania, o da necessidade de aperfeiçoamento das políticas públicas (em particular as de segurança) e o da violação dos direitos humanos das pessoas homossexuais no que tange a igualdade entre os mesmos e os seus opostos heterossexuais.

Notas Metodológicas

A revisão da literatura especializada sobre gênero e sexualidade no Brasil tem registrado um aumento significativo dos estudos que elegem a juventude como locus privilegiado de observação (CITELI, 2005). Esses estudos têm se concentrado, sobretudo por sobre as práticas sexuais e formas de sociabilidade nesse momento da vida. Contudo, essas investigações não têm dado conta da compreensão de um problema recorrente entre os jovens homossexuais brasileiros, a violência. Sendo assim, buscaremos compreender essa violência a partir da forma como ela é vivenciada por esses jovens.

Partiremos do conceito de 'juventude como um processo', tal como se configura nas análises de Heilborn (2006) acerca dessa temática. Esse entendimento nos permite perceber a transição biográfica desses jovens privilegiando aspectos que ultrapassam o critério da idade, tornando a análise desse grupo mais abrangente. Os motivos que colocam esse grupo social em estado privilegiado de análise em relação a outros é o caráter processual que o envolve (HEILBORN, 2006). Esse traço peculiar é que nos permite investigar os meandros dos processos sociais que definem movimentos de constantes mudanças que se articulam a roteiros de vida e projetos individuais.

Nessa pesquisa³, foram realizadas 20 entrevistas, essas entrevistas tiveram duração média de uma hora cada com algumas variações pontuais. A maioria desses jovens foi convidada a participar da pesquisa pelo contato que já mantinham comigo em função das redes de sociabilidade que frequentava. As outras entrevistas resultaram de indicações feitas pelos que já haviam sido solicitados a conceder depoimento anteriormente, gerando um “efeito bola de neve” entre

Thiago Barcelos Soliva

A Rua e o Medo: Algumas Considerações sobre a Violência Sofrida por Jovens Homossexuais em Espaços Públicos

aqueles que participaram e aqueles que seriam convidados a participar. Muitos se identificaram com a pesquisa de imediato e, prontamente, quando solicitados, se dispuseram a acionar amigos com histórias que julgavam como merecedoras para serem ouvidas. Dessa forma, conseguimos um número significativo de jovens que viabilizaram nossa pesquisa. Tendo como eixo central às experiências de violência, entendidas como expressões da discriminação e exclusão, com particular interesse naquelas que se relacionavam com a violência sofrida na rua, essas entrevistas foram gravadas, transcritas na íntegra e depois analisadas.

Em relação ao perfil dos informantes, os mesmos foram selecionados entre o corpo discente da Universidade Federal Fluminense (UFF)⁴, não seguimos, para tanto, uma rígida preocupação com a idade dos participantes, por entendermos que a noção de juventude não se limita as faixas de idade. A variação dos cursos os quais esses jovens estavam inseridos também não foi uma preocupação básica na tarefa de escolha, conquanto tenhamos tentado variar os informantes utilizando-se dessa variável. Todavia, ficou manifesto a participação dos jovens vindos de cursos das Ciências Humanas. A cor foi outro marcador de pouco potencial explicativo nessa pesquisa, posto que das 20 entrevistas realizadas somente 1 jovem se declarou negro.

Todos os entrevistados foram previamente informados dos objetivos da pesquisa, sendo mantido o anonimato dos participantes através da substituição do nome verdadeiro do informante pela sua inicial, que irá aparecer no fim dos relatos encontrados no corpo do texto. Vale lembrar, ainda, que as análises foram realizadas em função do conjunto das narrativas, não oferecendo, com isso, a possibilidade de uma identificação qualquer com o informante ouvido.

Com relação à estrutura das entrevistas, seguimos a orientação de um roteiro previamente elaborado, pautado em discussões realizadas em torno dos objetivos centrais da pesquisa. A partir dessas discussões elegemos alguns pontos que foram incorporados em todas as entrevistas, a saber:

Examinar as percepções dos jovens homossexuais acerca da violência que sofreram;

Identificar qual o tipo de violência sofrida;

Identificar quais os ambientes onde ocorreu a violência;

Examinar as reações e respostas à violência;

Identificar os agentes perpetradores;

Cabe ressaltar, no entanto, que o roteiro utilizado na orientação das entrevistas não inviabilizou o diálogo entre os respondentes e o entrevistador, haja vista,

serem esses jovens os responsáveis pela circulação de informações as mais variadas, servindo o roteiro apenas como um eixo para o direcionamento dos assuntos a serem tratados.

É sabido dos limites de uma pesquisa que toma para si a sexualidade como objeto de análise, por mexer com questões pouco exploradas pelos campos de conhecimento, mesmo entre as ciências humanas, tais como a intimidade e o privado. Entretanto, conhecer esses jovens, assim como fazer parte de suas redes sociais nos conferiu um situação privilegiada em relação aos mesmos, já que nos possibilitou uma maior inserção nesses grupos de amigos, facilitando, dessa forma, o acesso às informações mais íntimas, que nos foram sendo reveladas a medida que avançávamos na entrevista.

Durante o andamento das entrevistas nos deparamos com diferentes questões quanto a coleta dos dados dos informantes e as formas como os mesmos lidaram com a ideia de ter suas intimidades 'invadidas' por perguntas que reavivavam experiências passadas e, algumas vezes, detestáveis. Muitos informantes narraram a dificuldade em falar sobre episódios que marcaram tanto suas histórias de vida.

A resistência dos informantes em relação às entrevistas pode ser percebida pelo alto número de remarcações ocorridas no decorrer do período de coleta de dados. Em algumas situações foi preciso duas remarcações após o primeiro agendamento. Mesmo estando previamente avisados da presença do gravador, muitos informantes mostraram-se preocupados com as percepções dos entrevistadores em relação a eles e, do vocabulário utilizado, e mesmo com o conteúdo das informações, sendo comum entre as falas a pergunta: 'isso vai ser gravado?'. Somente um dos informantes se recusou, no ato da entrevista, o uso do gravador. Essa entrevista foi registrada por meio de anotações.

Em outras situações, alguns desses jovens mostravam-se visivelmente nervosos com as perguntas feitas, mostrando um comportamento que misturava nervosismo e o prazer de ter superado suas experiências negativas. Alguns falavam as mais variadas coisas, lembranças de uma vida marcada pela violência; outros se escondiam em respostas fechadas que dificultava o avanço do diálogo, talvez numa estratégia de proteção de si mesmo por meio da tentativa de esquecimento de um passado de sofrimentos superado.

A Rua e o Medo: Algumas Considerações sobre a Violência Sofrida por Jovens Homossexuais em Espaços Públicos

A Rua Como Espaço de Perigo

A realidade social vista como uma casa dividida internamente entre cômodos, que são divididos por paredes que, por sua vez, são transpassadas por portas é uma metáfora fundamental nos revelada por Van Genep (1978 [1906]) para pensar o conjunto dos rituais que marcam a vida em sociedade. Pensando as relações sociais pelos olhos desse autor, é percebê-la como um conjunto ordenado de relações que possuem uma temporalidade específica e espaços sociais definidos por padrões culturais. Nesse sentido, um neófito que ainda não possui da sociedade os ensinamentos necessários que o definam definitivamente como membro desse corpo social, está a margem do sistema que compõe a mesma. Portanto, está numa relação 'liminar' que o deixa exposto a uma série de interdições em relação ao conjunto do sistema de crenças dessa sociedade. Esse sujeito é alvo de constantes perigos que devem ser evitados como forma de preservar a existência da própria sociedade.

O perigo é o elemento central que faz com que esse neófito se defina em relação ao social. As margens, aquilo que está nos interstícios da sociedade são fontes de medo por seu poder não passível de controle pela mesma. Tudo que está na margem é perigoso, entrar em contato com esses poderes pode levar os violadores a cumprirem pesadas sanções impostas para aplacar o medo da desordem levado a cabo pelo grupo (DOUGLAS, 1976). Em nossas sociedades, esses sistemas simbólicos são acionados pelos medos que se expressam em relação a 'rua' quando oposta à "casa". A rua é o local do perigo, lugar-comum da contradição, onde é possível a ocorrência de encontros e desencontros. Nesse espaço, a "bicha", para fins desse estudo, é objeto de escárnio e pancadas.

A história tem nos mostrado que a rua é um plano de amplas tensões envolvendo homossexuais em diferentes momentos históricos. Das incursões do delegado Richetti (FRY, 1991; GREEN, 2000), às situações de violência nos dias atuais em locais públicos, os homossexuais estão constantemente submetidos aos perigos que sua presença desestabilizadora das percepções de ordem entre os gêneros pode ensejar. Sendo assim, partiremos de um entendimento da 'rua' como esse local de perigo, onde nossos jovens têm suas possibilidades de interação interceptada por ações nas quais o ódio, o medo e a intolerância se misturam para conferir contornos a essa violência. A violência física e psicológica são os principais meios pelos quais se realizam esse objetivo.

Assumimos aqui a explicação construída por Day (2001), na qual a violência física "ocorre quando alguém causa ou tenta causar dano por meio de força

física, de algum tipo de arma ou instrumentos que possa causar lesões internas, externas ou ambas" (DAY, 2003). Podemos perceber que dentro desse quadro estão englobadas as agressões físicas e suas expressões mais marcantes, nas quais o corpo da vítima é o locus de ação dos perpetradores.

Os homossexuais, principalmente os mais jovens sofrem de forma mais frequente os reflexos dessa modalidade de violência, como pode ser percebida nos levantamentos produzidos por Carrara (2004) em algumas capitais brasileiras. De acordo com o autor, a agressão física aparece como relato de violência em cerca de 20% das respostas dos participantes da Parada do Orgulho LGBT do Rio de Janeiro (CARRARA, 2004). Em nossa pesquisa, podemos observar que essa forma de violência esteve presente na experiência de vida de quase todos os nossos interlocutores, corroborando ainda os dados levantados por Mott e Cerqueira (2003), que mostram que as principais vítimas de ações violentas dirigidas às pessoas homossexuais, não somente, mas principalmente as agressões físicas, são homens homossexuais mais jovens.

As agressões verbais também são frequentes na composição desse cardápio de violências. Elas são cotidianamente vivenciadas por uma grande porcentagem de homossexuais brasileiros, principalmente entre os mais jovens. Esse tipo de violência não é exclusivo da rua, ela encontra-se diluída por toda a sociedade e podem ser sentidas nos mais variados espaços e grupos sociais de pertencimento. Como podemos perceber no relato abaixo, para além dos constrangimentos públicos provocados pelos xingamentos geralmente dirigidos aos jovens de comportamento marcadamente feminino, essa forma de violência é uma das grandes responsáveis pela propagação de imagens estereotipadas da homossexualidade, agenciando, dessa forma, a difusão de comportamentos de inclinação homofóbica.

(...) e ele estava conversando, acho que com a namorada dele, né, e... aí ele cismou comigo e falou assim: "o que foi viadinho", né, "o que você tá...tá escutando o que?". E eu não estava nem aí, não estava nem prestando a atenção na conversa dele nem nada (...) (C.)

As agressões verbais e as ameaças de agressão estão estreitamente relacionadas à eficácia da violência psicológica. Para Day, a violência psicológica é "toda ação ou omissão que causa ou visa causar dano à auto-estima, à identidade ou ao desenvolvimento da pessoa"

Thiago Barcelos Soliva

A Rua e o Medo: Algumas Considerações sobre a Violência Sofrida por Jovens Homossexuais em Espaços Públicos

(DAY, 2003, p.10). Concorrem como atores desse tipo de violência, pessoas as mais distintas (desconhecidos, vizinhos, colegas, parentes distantes e próximos etc), que por meio de xingamentos e atitudes preconceituosas agridem esses jovens para além das fronteiras do domínio doméstico.

Uma característica marcante desse tipo de violência é a capacidade que ela possui de, pelo uso da palavra, disseminar visões de mundo, representações e sentimentos negativos que visam gerar humilhação e desprezo (CASTRO, 2004). Os poucos estudos disponíveis com grandes amostras de homossexuais evidenciam que esse é um outro tipo de violência comum entre eles: 62,8% dos homossexuais que foram a parada gay de São Paulo em 2005 reportaram já terem sido assim vitimizados (CARRARA E AL, 2006). Entre os nossos entrevistados ela também foi recorrente e se manifestou de diferentes formas.

Outros espaços públicos, particularmente aqueles dedicados ao comércio são ainda palcos em potencial para a realização da violência anti-gay. Esses espaços devem ser pensados como locais que costumam envolver formas de abordagem e enfrentamento distintas daquelas vistas na rua. Aqui, as ações são, geralmente, perpetradas por guardas e seguranças responsáveis pelo suposto bom-uso desses locais. Dessa forma, frequentar shoppings, cinemas e outros espaços estão entre os principais problemas enfrentados pelo conjunto dos jovens pesquisados, posto que são nesses locais que costumam ser vítimas de constrangimentos e outras formas de violência dirigidas a sua orientação sexual. As interdições são, via de regra, provocadas em função de situações muito específicas, entre as quais citamos as trocas afetivas (beijos, carícias etc) entre pares homossexuais que, quando flagrados, são submetidos a inúmeras humilhações. Essas ocasiões se colocam como problemas de ordem pública, submetendo as práticas comumente protagonizadas por casais apaixonados em situações de perigo social, portanto descontroladas, como podemos sugerir no relato abaixo:

(...) no shopping, no Plaza eu tava com um cara, a gente tava ficando aí o segurança veio falar com a gente, porque as lojistas tinham interfonado pra ele, porque a gente estava constrangendo os clientes. A gente deve ter dado, sei lá, dois beijos naquela área do chafariz, e não tava nem se encostando, tinha um casal quase transando do lado, mas era um casal hetero. (T.)

Com relação aos agressores, podemos identificar como agentes da violência anti-gay todo o autor que

esteja diretamente envolvido no cometimento de atos violentos, sejam eles de natureza física ou psicológica, contra outros tão somente em função de sua orientação sexual ou identidade de gênero. O esquema agente/vítima está sempre atravessado por uma relação de poder e dominação. E essa relação é ainda mais nítida quando são pessoas mais jovens que corporificam essas vítimas. Percebemos que essas pessoas que agridem, principalmente nos casos das agressões verbais são, em muitas situações, pessoas desconhecidas da rede social da vítima, o que nos leva a constatar que essa violência se estabelece eminentemente no campo da impessoalidade.

Quando perguntados pelo sexo dos autores mais frequentemente envolvidos no cometimento da violência anti-gay nos espaços públicos, os informantes foram taxativos, ao caracterizarem em unísono os homens como principais alvos em situações de agressões, como notamos no relato abaixo:

(...) majoritariamente masculino, né, por que eu acho que é quase um... um pré-requisito, o preconceito vem de que gênero, masculino, por que as meninas não são...existem, as que fazem isso, as que também falam, criticam, que questionam, mas isso geral...normalmente vinha de outro garoto, eles são os que mais se incomodam (E.).

Entretanto, a violência anti-gay não é apenas empregada por pessoas estranhas que batem e xingam pelo simples fato de entrar em contato com a desordem que o homossexual pode provocar nas suas tradicionais percepções sobre gênero e sexualidade. O bairro e as suas cercanias, assim como o círculo de pessoas que povoam o universo de relações mais íntimas oferecem ainda oportunidades de se vivenciar essa violência, com podemos perceber no relato que segue:

No bairro eu não conseguia construir amizades sólidas já por causa disso, assim. Eu era já tachado por antemão. No meu bairro eu nunca construí amizade e, até hoje, eu não tenho amizades. O meu bairro é pequeno, os meus amigos do bairro são os amigos da escola que se tornaram amigos de vizinhança. (T.)

A vizinhança, esse grupo que se concentra entre a 'casa' e a 'rua' (MELLO et al, 1985), que supostamente deveria oferecer um espaço de sociabilidade primária,

Thiago Barcelos Soliva

A Rua e o Medo: Algumas Considerações sobre a Violência Sofrida por Jovens Homossexuais em Espaços Públicos

por que seria uma espécie de apêndice das relações domésticas, se apresenta como um território marcado pelo conflito, onde esses jovens não encontram um ambiente tão acolhedor. É na vizinhança que são animadas ações caracterizadas por um conteúdo altamente preconceituoso, muita das quais motivadas pela fofoca. A fofoca é, nesses contextos, a forma como os vizinhos se relacionam com a informação da homossexualidade desses jovens. Geralmente, essas fofocas precedem a afirmação do fato, estando somente baseadas na suposição de que aquele rapaz não é como os outros rapazes do grupo. Em algumas situações, a fofoca chega mesmo a desencadear uma exposição descontrolada no qual os pais chegam a pressionar os filhos em busca de um esclarecimento acerca dos comentários feitos na rua. Foi o que aconteceu com C., que teve sua identidade sexual revelada por uma vizinha que contou para a sua mãe sobre um suposto namorado com quem vinha se relacionando.

(...) o garoto tinha brigado com a M. [amiga dele] e eu estava, né, conversando com ele, né, aí ele estava chorando, né, acabei abraçando ele pra confortá-lo, não sei o que, aí ela [a mãe dele], 'não, por que me falaram que você beijou', aí aumentaram também a história, né, 'que você beijou, que não sei o que e pa pa pa', e ela começou a me agredir, né, me bater mesmo, né, aí foi onde que me deu um tapa na cara, né, e ela nunca tinha feito isso na vida dela (...) (C.).

O incômodo causado pela presença de um homossexual é o primeiro e principal motivador dos atos de violência e repúdio em ambientes de acesso público. Aqueles que expressam um comportamento marcadamente feminino estão ainda mais expostos ao risco de rechaço, bem como de ter seus corpos marcados pela intolerância. Como vimos em algumas linhas acima, a violência anti-gay possui um gênero perpetrador incontestável – o homem. O ódio e o medo se combinam para tornar esse sujeito palco de posturas preconceituosas e de atitudes cruéis em relação ao 'outro', que supostamente descredibiliza o gênero masculino.

De acordo com essas características, percebemos que crescem cada vez mais o número de grupos agregados, cujo escopo de sua solidariedade é tão somente o ódio aos homossexuais. Os Skinheads, os grupos de carecas como ficaram notabilizados pela imprensa escrita, são a principal expressão dessa organização das práticas homofóbicas nos grandes

centros urbanos, como vem sendo mostrado pela mídia em grandes centros urbanos como Rio de Janeiro e São Paulo.

A presença de seus associados é facilmente reconhecida em função dos símbolos que se utilizam e do comportamento extremamente agressivo que impõem. Esses indivíduos concentram-se entre as idades de 15 a 30 anos; ostentam, geralmente, muitas tatuagens espalhadas pelo corpo; tem o hábito de raspar os cabelos; e são, basicamente, de cor branca. Outro dado que se soma a essas características é o fato de muitos deles serem exímios lutadores de artes marciais, o que potencializa a violência produzida pelos mesmos. Esses jovens frequentam a noite com o único intuito de 'caçar' segmentos sociais que não estão de acordo com os seus padrões de 'normalidade', sobretudo os negros e os homossexuais.

A porta da boate e dos lugares de frequência notavelmente homossexual são espaços altamente visados por esses grupos, por apresentarem a possibilidade de identificar e aniquilar as suas vítimas de forma mais eficiente. Eventualmente, esses espaços passam de lugares de entretenimento e visibilidade para locais de angústia entre os jovens homossexuais, que vêem suas possibilidades de interação interrompidas pela falta de segurança. Muitos rapazes narraram episódios que ilustram bem esses problemas.

(...) eu estava com um amigo e duas amigas perto de uma boate gay e... eles passaram e me bateram com o pé de pato nas costas, no carro...e gritaram alguma coisa preconceituosa do gênero, não me lembro o gênero mais ou menos. (E.)

Percebemos mesmo que os algozes dessa forma de violência utilizam-se da rua e de seu caráter soturno para desenvolver estratégias de punição as suas vítimas com o único intuito de mostrar o repúdio aos homossexuais. Esses grupos se utilizam de formas refinadas para legitimar sua violência. A simulação de interesses eróticos é uma dessas estratégias, na qual esses jovens demonstram interesse sexual por homossexuais e, quando retribuídos, respondem com muita violência, como podemos observar no relato abaixo:

(...) eu estava numa festa e fiquei com um cara e depois...e o cara me agrediu, o cara não queria mais ficar comigo e tal, mas assim, eu reagi e tal, mas aquilo na época me feriu bastante, eu fiquei bem chateado, fiquei um tempo sem querer sair e tal, fiquei

Thiago Barcelos Soliva

A Rua e o Medo: Algumas Considerações sobre a Violência Sofrida por Jovens Homossexuais em Espaços Públicos

meio recluso. (T.)

Na oportunidade, vê-se que a simulação revela não somente a intenção de empregar violência, mas ainda de legitimar a ação pelo fato de estarem respondendo, como 'homens verdadeiros' que são, ao assédio do jovem homossexual que apenas se posicionou em relação a investida.

Nas situações de violência anti-gay, a visibilidade, leia-se o reconhecimento público da homossexualidade no 'outro', é o ponto-limite que separa os 'cidadãos' dos 'não-cidadãos', traduzindo-se entre outras formas pelo uso indiscriminado da violência. Essa relação de alteridade marcada pelo não-reconhecimento do outro enquanto sujeito de direitos produz efeitos objetivos que extravasam a subjetividade e trazem marcas indelévels que concorrem para a construção de uma identidade homossexual negativa, como podemos ver avaliar em muitos dos relatos que trazem essa marca, "eu me sentia realmente um mostro, né, que ela falava tanto que eu era um mostro, que eu era um mostro" (...) (C.).

Podemos perceber, então, o quanto o contexto violento contribui para a construção de uma identidade deteriorada (ARAÚJO, 2004), marcando de maneira decisiva o jovem homossexual e suas escolhas individuais (seus projetos). De uma forma geral, os entrevistados associaram a violência sofrida a uma série de problemas que passaram a enfrentar: problemas de saúde, isolamento social, baixo desempenho escolar etc. Esses problemas estão intimamente associados à baixa auto-estima desses jovens que os colocam imediatamente em contato com situações de vulnerabilidade, tais como uso de drogas, relações sexuais sem uso de preservativos, tentativas de suicídio etc.

A violência contra os homossexuais gera, ainda, um sentimento de medo e de descrença nos aparelhos do Estado responsáveis por assegurar a ordem e a manutenção da cidadania. Essa descrença se confirma quando admitido o baixo volume de ocorrências de violência envolvendo homossexuais nas delegacias, como aponta Carrara (2003; 2005; 2006) em pesquisa realizada em grandes cidades brasileiras. De acordo com esse autor, o recurso à denúncia, quando constatada a violência é ainda muito precário entre os segmentos LGBT, incluindo os jovens pesquisados.

Em pesquisa anterior com um grande volume de Registros de Ocorrências (RO), mostrei a pouca participação dos homossexuais no conjunto dos registros lavrados nessas delegacias. Utilizando-se de expressões costumeiramente utilizadas para classificar o homossexual em nossa cultura, tais como: 'viado', 'homossexual', 'gay', 'gai', 'bicha' e 'homossexual',

pude observar nesses registros que a homossexualidade estava fortemente associada a um conjunto de imagens negativas. Quase sempre, essas expressões eram empregadas para rebaixar o 'outro', geralmente não-homossexual a uma condição de aviltamento (SOLIVA, 2010). Interessa-nos, contudo, o fato de que esses registros serem basicamente fruto de um desentendimento entre pessoas heterossexuais, particularmente cônjuges que durante um desentendimento se ofendem utilizando-se, para tanto, de palavras de forte conteúdo homofóbico. Quanto aos homossexuais mesmo, poucos registros, mesmo os de homicídios foram encontrados no ano pesquisado, 2007 (SOLIVA, 2010).

Uma possível explicação para essa baixa procura às delegacias, está na percepção corrente entre os homossexuais de que os chamados 'alibãs', os policiais, seriam tão mais violentos quanto os outros algozes. Nesse sentido, esses jovens acreditam que indo à delegacia estariam se expondo a uma dupla vitimização.

Uma das principais conquistas obtidas com o avanço do Movimento Homossexual nos últimos anos, principalmente em grandes cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, foram os serviços de atendimento a pessoa homossexual vítima de violência. No Rio de Janeiro, esses serviços se relacionam com a implantação do Programa 'Rio sem Homofobia', que faz parte de um programa mais amplo organizado pelo Governo Federal, o 'Brasil sem Homofobia'. Esse programa vem combinando os esforços de diferentes secretarias e da Sociedade Civil, na tentativa de construir soluções conjuntas ao enfrentamento da violência anti-gay e a afirmação da cidadania homossexual.

Uma iniciativa pioneira promovida por esse esforço foi a implantação dos Centros de Referência da Promoção da Cidadania LGBT, Contra Intolerância Religiosa e Contra Discriminação de pessoas portadoras do HIV. Esses centros ganharam um espaço físico e equipe técnica apropriados para atuarem pela efetivação das garantias dos direitos individuais. No tocante ao Centro de Referência da Promoção da Cidadania LGBT, esse centro oferece assistência psicológica, jurídica e social às vítimas da homofobia, bem como disponibiliza um número de telefone para a denúncia de violações dos Direitos Humanos das pessoas homossexuais (Disque Cidadania LGBT). O centro conta ainda com um Núcleo de Monitoramento de Crimes contra LGBT e um centro de Documentação e Informação LGBT.

Um dos esforços mais prementes desse conjunto de propostas é o cumprimento da lei nº 3406/00⁵, que vem sendo desrespeitada em diferentes

Thiago Barcelos Soliva

A Rua e o Medo: Algumas Considerações sobre a Violência Sofrida por Jovens Homossexuais em Espaços Públicos

estabelecimentos comerciais. Outras medidas presentes no programa incidem basicamente sobre as políticas públicas de segurança. Uma das preocupações mais fundamentais é com a formação e aperfeiçoamento dos efetivos policiais por meio da formulação de mudanças do conteúdo dos programas utilizados nos cursos de formação das Academias de Polícia (ACADEPOL, APM e CFAP)⁶.

Quando indagados acerca do conhecimento desses serviços de atendimento a pessoa homossexual vítima de violência, todos os respondentes alegaram conhecer algum desses serviços, contudo, quanto a fazer uso deles, mostraram-se reticentes em relação à eficácia desses programas. Mesmo no meio universitário, onde o acesso à informação é facilitado para aqueles que sofrem algum tipo de violência, não se possui uma 'cultura de denúncia' dos casos às autoridades, seja pela descrença que contamina todos os setores sociais, em particular aqueles mais marginalizados e estigmatizados socialmente, seja pelo medo de que se torne pública sua homossexualidade ou mesmo que isso o acabe expondo a novas situações de violência.

É importante advertir, que o medo associado a uma possível revelação da homossexualidade está presente, principalmente entre os homossexuais mais velhos, como nos mostra os dados de Carrara (2004) acerca das vítimas da violência anti-gay. Compartilhamos da hipótese do autor de que esse medo vem desaparecendo entre os homossexuais mais novos nos últimos anos, demonstrando, assim, uma capacidade maior dos mesmos em lidar com questões relativas à sua identidade sexual. Acredito que essas mudanças estão fortemente atreladas aos avanços do movimento homossexual (principalmente no tocante a visibilidade) e, mesmo a emergência de culturas jovens urbanas mais sensíveis à aceitação das diferenças. Apontamos para a necessidade de estudos mais profundos que dêem conta de explicar esse fenômeno.

Ao longo do texto fomos levados a perceber que os dados gerados pelas entrevistas mostram continuidades e descontinuidades com as pesquisas que trabalham a questão da violência contra os homossexuais em espaços públicos, sobretudo aquela que atinge a 'juventude homossexual'. A questão da visibilidade, ou seja, a expressividade da orientação sexual é um ponto-chave para a compreensão dessa lógica. Podemos perceber que os conflitos são basicamente desencadeados pelo reconhecimento da homossexualidade no 'outro', que passa, a partir de então, a ser alvo das mais variadas formas de agressão que chegam ao ápice pela anulação completa do mesmo, ou seja, a sua morte.

Considerações Finais

Apesar dos avanços obtidos nos últimos anos em relação ao campo das sexualidades, os centros de pesquisa ainda se mostram pouco sensíveis aos problemas sofridos pelas homossexualidades, sobretudo, a respeito dos homossexuais mais jovens. Considerando a juventude homossexual como componente essencial de análise nos foi possível levantar algumas questões sobre esse grupo, bem como a violência em que estão expostos em espaços públicos.

Ficou evidente nas experiências desses jovens como todos, em maior ou menor grau, foram vítimas de violência (psicológica, física etc) por parte das mais diferentes pessoas. A rua pôde ser diluída em locais mais específicos que nos deu uma percepção mais completa dos locais onde esses jovens são costumeiramente vitimizados ao longo de suas trajetórias de vida.

Fomos levados a crer que as situações de violência são motivadas em dois momentos específicos. As agressões, ameaças de agressão e mesmo a violência física se colocam ora frente às demonstrações públicas de afeto entre pares homossexuais, ora frente a posturas individuais ou coletivas de condutas de gênero não compatíveis com as diferenças entre os sexos.

Vimos ainda que não somente a rua oferece perigo para esses jovens, mas ainda o conjunto dos locais de sociabilidade estabelecidos além das fronteiras da casa e do circuito gay. Nesse sentido, a porta da boate, assim como outros estabelecimentos comerciais, mesmo que de frequência marcadamente gay, são locais nos quais o preconceito se expressa por meio de diferentes formas de violência.

Interessante notar ainda, a participação cada vez mais assídua de grupos organizados que planejam e incitam a violência contra homossexuais, sobretudo mais jovens nesses espaços. O aumento do número de jovens presentes nesses episódios reflete uma certa tendência das estatísticas de violência no Estado, em que esse segmento social aparece como principal vítima e agente da violência urbana.

Considerando a especificidade da violência que atinge os homossexuais, podemos perceber que as estatísticas extra-oficiais obtidas em pesquisas sobre violência anti-gay pelo país corroboram as estatísticas oficiais no que tange a faixa etária dos envolvidos nas situações de violência. Assim exposto, podemos afirmar que a violência anti-gay é um fenômeno que envolve em sua existência a presença de jovens. Seja na condição de atores ou de vítimas da violência, esses jovens são o principal grupo afetado por esse tipo de

Thiago Barcelos Soliva

130

A Rua e o Medo: Algumas Considerações sobre a Violência Sofrida por Jovens Homossexuais em Espaços Públicos

violência.

Esperamos, por fim, que nossas reflexões contribuam para fomentar o debate acadêmico acerca da violência sofrida por gays mais jovens e, ainda, salientar a importância da construção de políticas públicas, sobretudo na área de segurança pública que permitam que esses jovens desenvolvam a sua sexualidade sem o risco iminente de ter a sua vida interrompida.

¹ O começo da epidemia de HIV/Aids em inícios da década de 1980 operou um conjunto de transformações nas representações e práticas sociais da sociedade brasileira. Ainda que reforçando uma série de estereótipos já historicamente imputados a homossexualidade, tais como a ideia de pecado presente no discurso religioso, assim como o de patologia presente no discurso médico, a epidemia possibilitou a “remoção do véu que recobria as sexualidades”, como lembra Trevisan (1986), tornando pública a discussão sobre sexualidade no Brasil (TREVISAN, 1986; GÓIS, 2003). A violência com que essa doença atingiu a sociedade marcou, ainda, novas possibilidades de inserção política dos homossexuais, visto que os mesmos foram pioneiros no desenvolvimento de respostas político-sociais conjuntas àqueles afetados pela doença.

² Além das pesquisas realizadas pelos esforços combinados do Centro Latino Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM) com instituições como o Grupo Arco-íris (GAI), observamos iniciativas semelhantes em outras capitais brasileiras quanto a realização das pesquisas de vitimização, tal como em Belém do Pará. Nessa capital, a pesquisa de vitimização é realizada pelo Grupo de Estudos em Pesquisas Estatísticas e Computacionais (GEPEC) e o Laboratório de Sistemas de Informação e Georeferenciamento (LASIG), ambos ligados à UFPA.

³ Esse trabalho é um dos desdobramentos da pesquisa “Violência anti-gay na universidade”, coordenada pelo Professor Dr. João Bosco Hora Góis no âmbito do Programa de Pós-graduação em Política Social, sob os auspícios do CNPq.

⁴ A UFF foi criada em 18 de dezembro de 1960 pela Lei nº 3.958. Hoje essa universidade representa a segunda maior instituição de ensino superior do Estado do Rio de Janeiro. Ela está dividida em escolas, faculdades e institutos espalhados pela cidade de Niterói. Possui ainda cursos em municípios como Campos, Rio das Ostras, Angra dos Reis etc. Os cursos oferecidos na cidade de Niterói estão dispostos

majoritariamente em três campi onde estão concentradas a maior parte de sua estrutura docente – Campus do Gragoatá, Campus da Praia Vermelha e Campus do Valonguinho.

⁵ Essa lei foi considerada a primeira lei da América Latina contra a discriminação e humilhação de pessoas por sua orientação sexual. Criada pelo Deputado Estadual Carlos Minc, penaliza, com multas e até interdição, estabelecimentos públicos e privados, como locais de trabalho, motéis e restaurantes, que derem tratamento diferenciado a homossexuais. Responsabiliza também autoridades por omissão (Informações do site www.minc.com.br).

⁶ A mudança dos conteúdos programáticos desses cursos viria da necessidade de inclusão da temática LGBTT nas disciplinas de Direitos Humanos oferecidas pelas Academias de Polícias quanto à formação de seus praças e oficiais. Hoje, esse currículo conta com 40 horas-aula para essa disciplina, reivindicando-se 10% dessa carga horária para a temática LGBTT.

Referências

ALMEIDA NETO, Luiz Mello. Um olhar sobre a violência contra homossexuais no Brasil. **Revista Gênero**. vol. 4, nº 1, p.33 – 46, 2003.

ARAÚJO, Carla. As marcas da violência na constituição da identidade de jovens da periferia. **Revista Educação e Pesquisa**, vol. 27, nº1, p. 141-162, 2001.

CARRARA, Sérgio, RAMOS, Sílvia e CAETANO, Marcio. **Política, Direitos, Violência e Homossexualidade: Pesquisa 8º Parada do Orgulho GLBT – Rio de Janeiro, 2003**. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

CARRARA, Sérgio; RAMOS, Sílvia. **Política, Direitos, Violência e Homossexualidade: Pesquisa 9º Parada do Orgulho GLBT – Rio de Janeiro, 2004**. Rio de Janeiro: CEPESC, 2005.

CARRARA, Sérgio (et al). **Política, Direitos, Violência e Homossexualidade: Pesquisa 9º Parada do Orgulho GLBT – São Paulo, 2005**. Rio de Janeiro: CEPESC, 2006.

CASTRO, Mary. **Resignificando sexualidade, por violências, preconceitos e discriminações**. In. *Juventudes e sexualidade*. Brasil: UNESCO, 2004.

Thiago Barcelos Soliva



A Rua e o Medo: Algumas Considerações sobre a Violência Sofrida por Jovens Homossexuais em Espaços Públicos

CITELI, Maria Teresa. **A pesquisa sobre sexualidade e direitos sexuais no Brasil (1990-2002): revisão crítica.** Rio de Janeiro: CEPESC, 2005.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.

DAY, Vivian Peres (et al). Violência doméstica e suas diferentes manifestações. **Revista de psiquiatria.** Vol. 25, p. 9 – 21, abr. 2003.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo.** São Paulo: Ed. Perspectiva, 1976.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia rural.** Rio de Janeiro: Jorge Olympio, 1950.

FRY, Peter; MACRAE, Eduard. **O que é homossexualidade?** Rio de Janeiro: Ed. Brasiliense, 1991.

GÓIS, João Bôscio Hora. Desencontros: as relações entre os estudos sobre a homossexualidade e os estudos de gênero no Brasil. **Revista Estudos Feministas**, vol. 1, nº1, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2003000100021&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2010.

GREEN. James N. **Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX.** São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

HEILBORN, Maria Luisa. Entre as tramas da sexualidade brasileira. **Revista Estudos Feministas**, vol. 14, Jan./Abr. 2006.

SANTOS, Carlos Nelson; VOGEL, Arno; MELLO, Marco Antonio (orgs.). **Quando a rua vira casa.** Rio de Janeiro: Ibam/Finep-Projeto, 1985.

MOTT, Luiz; CERQUEIRA, Marcelo. **Matei por que odeio gay.** Editora Grupo Gay da Bahia, Bahia, 2003.

_____. Homo-afetividade e direitos humanos. **Revista Estudos Feministas**, vol. 14, nº 2. Mai./Set., 2006.

MOVIMENTO D'ELLAS. Direitos Humanos e contribuições à cidadania homossexual. Rio de Janeiro, 2005.

RAMOS, Silvia. Violência e homossexualidade no Brasil: as políticas públicas e o movimento homossexual. In. GROSSI, Miriam Pillar. et al. (Orgs.). **Movimentos sociais, educação e sexualidades.** Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

RAMOS, Silvia; CARRARA, Sérgio. A constituição da problemática da violência contra homossexuais: a articulação entre ativismo e academia na elaboração de políticas públicas. **Revista Physis**, vol. 16, p.185 – 205. 2006.

SOLIVA, Thiago Barcelos. Vozes da homofobia: um estudo das representações da homossexualidade nos registros de ocorrências das delegacias do Rio de Janeiro. Trabalho apresentado na 27ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de agosto de 2010, Belém, Pará, Brasil.

VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem.** Petrópolis: Vozes, 1978.

**Recebido em 27 de setembro de 2010.
Aceito em 05 de março de 2011.**

Thiago Barcelos Soliva

132